

A FÉ SOB JUDICE: GERMANIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO DA FÉ LUTERANA NO EXTREMO-SUL DO BRASIL (TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE KARL FRIEDRICH STELLBRINK).

BRUNO EINHARDT BIERHALS¹; EDGAR ÁVILA GANDRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – brunoebierhals@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – edgargandra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPEL, discorre sobre as tensões e conflitos sociais, políticos e religiosos que envolveram a temática da pesquisa proposta, a saber: desenvolver uma análise acerca da implantação da reorientação teológica proposta pela IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, no Concílio Sinodal de 1946, imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Analisando suas reverberações nos contextos urbano e rural de Pelotas/RS, discute-se a questão da germanidade, da influência do discurso hitlerista e da influência ideológica dentro dos limites da instituição religiosa Luterana.

A implementação da reforma teológica de 1946 recai sobre diversos motivos. Suas motivações remontam ao início da imigração alemã em 1824, sendo esta conturbada e conflituosa (FACHEL, 2002; ROCHE, 1969). O processo acaba tornando-se ainda mais problemático quando se impõem censuras e perseguições aos teuto-descendentes durante a campanha de nacionalização e a Segunda Guerra Mundial (SEYFERTH, 1994; SEYFERTH, 1999; GERTZ, 2015). Devido a esta assimilação problemática, agudiza-se de forma peculiar uma vinculação entre ser cristão luterano e ser “alemão” (DREHER, 2013).

Em uma perspectiva teórica, a pesquisa contempla conceitos como conceitos como Nacionalismo (ANDERSON, 2008), Memória (LE GOFF, 2003), Costume (THOMPSON, 1998), Poder Simbólico (BORDIEU, 2009) e Jogo de Escala (REVEL, 1998). Estes conceitos (não os únicos) são aspectos relevantes na análise da reorganização religiosa que se configurou como tentativa de transformação do imaginário. Destaca-se a possibilidade de uma reformulação da identidade deste grupo étnico, fortalecida por uma unidade coletiva, resultante das próprias perseguições, e a reorganização social com respaldo significativo da Igreja de vertente Luterana, que propôs oficialmente após o término da guerra, o fim da perigosa vinculação entre Evangelho e germanidade.

A partir dos desdobramentos da pesquisa supramencionada, abordo aqui uma questão específica dentro do âmbito geral da pesquisa. Trata-se de uma reflexão sobre uma das possíveis chaves de leitura que abordam a simbologia peculiar dos grupos de extrema direita no Brasil e Alemanha da época em análise, uma cruz suástica gravada em uma lápide infantil, localizada em Arroio do Padre/RS, extremo-sul do Brasil. Por consequência, o estudo faz menção a biografia de Karl Friedrich Stellbrink e a memória construída pela comunidade em torno de sua figura.

Destaco que a imagem se insere na pesquisa de maior vulto que desenvolvo, ao nível de mestrado. Neste processo de pesquisa revisei a comunidade luterana de Arroio do Padre II, onde a mesma tomou para si a imagem, como referência simbólica da presença nazista na própria comunidade.

A escolha desse recorte da pesquisa é motivada, visto que, sobre este aspecto específico já se podem apresentar resultados e conclusões concretas.

2. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa em tela, utilizam-se duas metodologias de pesquisa, a saber: acervos documentais e história oral. No entrecruzamento das duas metodologias, enfatizo a aproximação da temática de pesquisa com alguns aspectos do conceito de micro-história, abordada por autores como Jacques Revel, Giovanni Levi, Carlo Ginzburg.

Articulando o tema ao método micro-historiográfico, objetiva-se também demonstrar que algumas de suas ferramentas podem contribuir para o melhor entender da identidade teuto-brasileira do extremo-sul do Brasil, antes e após a implementação da reforma. É digno de nota, que a pesquisa proposta não se caracteriza como um trabalho de micro-história, mas que dentro do estudo fixado na cidade de Pelotas/RS, existem aspectos micro que possivelmente podem ajudar a compreender o contexto mais amplo do germanismo e da germanidade, dentro do processo da reformulação da igreja luterana no Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Partido Nazista formalmente adotou a suástica ou *Hakenkreuz* (cruz em gancho, numa versão literal) em 1920. O símbolo era usado na bandeira, bem como em distintivos e brachadeiras do partido. Na realidade, a suástica já era usada como símbolo do movimento *völkisch* alemão (ENGLAND, 1997). Através de um diálogo com as fontes, as evidências indicam que, por meio de seu engajamento político anterior a sua estada no Brasil, Karl Friedrich Stellbrink tenha tido contato com a suástica, não necessariamente nazista, mas diretamente ligada a uma representação de superioridade racial. Stellbrink frequentou várias organizações étnicas. No Brasil participou da comunidade nacional da Confederação Alemã de etnia radical. Stellbrink usou a suástica como pano de fundo na criação do *desing* de seu convite de casamento com Hildegard, ocorrido dois meses antes de viajar ao Rio Grande do Sul, afirma Hansjörg Buss (BUSS, 2011).

Durante sua passagem pelo Brasil, Stellbrink presenciou um momento dificultoso para as comunidades luteranas e, sobretudo, seus ministros ordenados. Os anos que sucederam a primeira grande guerra proporcionaram uma situação que só tendia a piorar. A derrota alemã e a inflação consequente da guerra tornaram literalmente impossível contar com recursos financeiros provenientes da Alemanha. O Sínodo dependia da verba enviada da Alemanha, pois a grande maioria das comunidades não possuía condições de manter os seus pastores. Possivelmente, ao deparar-se com este cenário adverso, uma comunidade com diversos problemas, Stellbrink constantemente necessitasse reafirmar sua identidade, e sepultura pode ter sido uma oportunidade para tal. Em conversas informais com Hansjörg Buss, o mesmo afirma existir uma informação não confirmada no meio acadêmico, de que Stellbrink teria decorado o interior do templo da comunidade luterana de Arroio do Padre II com diversas suásticas. Não foi possível localizar fotografias, relatos ou escritos que confirmem tal informação.

Em uma análise mais aprofundada, levo em consideração observações feitas por Hitler no *Mein Kampf*. Hitler prometeu ao *Reichstag*, em 23 de março de 1933, que ele não interferiria nos direitos das igrejas. No entanto, com o poder assegurado

na Alemanha, Hitler rapidamente quebrou essa promessa. Há um consenso entre os historiadores sobre o posicionamento de Hitler no que tange a religião. Com o passar do tempo, Hitler pretendia suplantar a influência do cristianismo na sociedade alemã e então substituí-la por um novo credo associado a ideologia nazista. Para efetivar este processo de transição pretendido, entendo ser necessário mesclar/transfigurar religião e partido, cruz e suástica, Deus e *Führer*.

Caso tenha sido essa a verdadeira intenção de Stellbrink, ao escolher tal símbolo para compor a lápide, penso que o mesmo buscou representar duas coisas fundamentais para ele em um mesmo emblema. Um único símbolo representaria a vontade de provar as gerações vindouras que Gisela Stellbrink era cristã, mas ao mesmo tempo, uma criança ariana.

Dentre as informações trocadas com Hansjörg, expus uma informação que o mesmo desconhecia. No site do memorial dos mártires de Lübeck, existe uma fotografia que chama a atenção. Na imagem, um passaporte usado pela família Stellbrink em seu retorno à Alemanha em 1929. Nele consta uma menina de nome Gisela, nascida em 29/03/1925. As datas não correspondem. Após confirmar a informação com Barbara Stellbrink-Kesy, assegurei o que anteriormente havia suspeitado, houveram duas meninas de nome Gisela. A primeira falecida prematuramente, a segunda, por sua vez, cresceu e deixou herdeiros. Barbara relata que a família prefere não comentar abertamente o assunto.

As reflexões expressas não esgotam as possibilidades de leitura sobre a lápide e o símbolo nela contida, longe disso, as análises que propus objetivam motivar novas discussões e descobertas. Entretanto, o diálogo com as fontes permite afirmar que Stellbrink no conflito entre seus ideais políticos e sua fé, optou pela manutenção da sua religiosidade. Stellbrink arriscou unir religião e política, tardou, mas percebeu o descompasso entre as duas. É digno de nota que seu assassinato pelo governo nazista é basilar dessa sua opção de manutenção dos dogmas religiosos.

4. CONCLUSÕES

Ressalta-se que, no trabalho por mim desenvolvido, tive acesso a algumas fontes ainda não utilizadas por outros historiadores. Entre elas estão: o contato com Barbara Stellbrink-Kesy, o acesso ao histórico de Stellbrink no arquivo da IECLB e a conversas informais com Hansjörg Buss, o que me permitiu lançar olhares a referentes aspectos e costumes do período, como a simbologia de homenagem póstuma, a formação da extrema-direita na Alemanha e no Brasil, e a questão da suástica como símbolo racial nos grupos de extrema-direita anteriores a 1920, onde Karl Friedrich Stellbrink esteve inserido.

Interessante também destacar que, nesta pesquisa revi alguns aspectos da minha própria percepção, visto que o diálogo com as fontes me permitiu ressignificar algumas questões que pareciam consolidadas pela historiografia pertinente ao tema. Sobretudo, a trajetória de Karl Friedrich Stellbrink que desvelou ser mais complexa e ainda carente de estudos mais aprofundados sobre a formação de intelectuais conservadores na primeira metade do século XX.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, B.R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- ARRUDA, J.A; PILETTI, N. **Toda a História**: História Geral e História do Brasil. São Paulo: Ática, 1997.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BUSS, H. **"Entjudete" Kirche**: die Lübecker Landeskirche zwischen christlichem Antijudaismus und völkischem Antisemitismus (1918-1950). Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2011.
- DREHER, M.N. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.
- DREHER, M.N. Karl Friedrich Stellbrink. Mártir do Nazismo, in: DREHER, M.N. **Espelhos**: Histórias de fé e vida. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 9-11.
- ENGLAND, U. **Deutschland Erwache**: The History and Development of the Nazi Party and the "Germany Awake" Standards. R. James Bender Publishing, 1997.
- FACHEL, J.P.G. **As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: UFPEL, 2002.
- GERTZ, R.E. Descendentes de alemães no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. **Anais...XXVII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: 2015.
- GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GINZBURG, C. Representação: a palavra a ideia e a coisa. In: GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 85 –103.
- HALL. S. A identidade em questão. In: HALL. S. **Identidade na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006. p. 7 – 22.
- HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O Breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEVI, G. 30 anos depois: repensando a Micro-história. In: MOREIRA, P; VENDRAME, M; KARSBURG, A. (Org.). **Ensaio de Micro-história: trajetória e migração**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 18-31.
- LOWENTHAL, D. Revivir el pasado: sueños y pesadillas. In: LOWENTHAL, D. **El pasado es un país extraño**. Madrid: Akal, 1998.
- MENESES, U.T.B. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 200-212, 1992.
- REVEL, J. **Jogos de Escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.